

APRENDIZAGEM COLABORATIVA E INCLUSÃO NO ENSINO SUPERIOR: A TUTORIA POR PARES COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO NO CURSO DE GEOGRAFIA DO IFPA/ CAMPUS BRAGANÇA

Orientando: ¹ João Marcos Assunção Pinheiro, Orientador: ² Joselito Santiago de Lima

RESUMO:

Este artigo analisa a Tutoria por Pares como estratégia de aprendizagem colaborativa na perspectiva da Educação Especial Inclusiva no curso de Licenciatura em Geografia do IFPA/Campus Bragança. A pesquisa parte do desafio da permanência e participação de estudantes público-alvo da educação especial no ensino superior, considerando que, mesmo com políticas de acesso, ainda persistem barreiras pedagógicas, comunicacionais e atitudinais. Metodologicamente, se trata de um estudo de abordagem qualitativa, desenvolvido com aplicação de questionários semiestruturados e observações contínuas, envolvendo oito participantes, sendo quatro tutorados com diferentes condições (surdez, deficiência física, esquizofrenia e transtorno de ansiedade) e quatro colegas tutores da mesma turma. Os tutores receberam formação inicial e apoio por meio de um guia pedagógico, buscando orientar suas atribuições e fortalecer a mediação do processo tutorial. Os resultados evidenciam que a tutoria contribuiu para avanços acadêmicos, fortalecimento das relações interpessoais e maior participação dos tutorados nas atividades, além de promover desenvolvimento socioemocional e acadêmico dos tutores. Contudo, foram identificadas limitações relacionadas ao tempo disponível, à continuidade do acompanhamento e à necessidade de maior formação específica, especialmente no domínio da Libras e em estratégias de acessibilidade. Conclui-se que a tutoria por pares é uma prática promissora para a inclusão no ensino superior, podendo ser ampliada e fortalecida com maior inserção do professor na condução do processo, formando uma tríade entre tutor, tutorado e docente.

Palavras-chave: Tutoria por pares; Educação inclusiva; Ensino de Geografia.

ABSTRACT:

This article analyzes Peer Tutoring as a collaborative learning strategy from the perspective of Inclusive Special Education in the Geography undergraduate course at IFPA/Campus Bragança. The research stems from the challenge of the retention and participation of students who are the target audience of special education in higher education, considering that, even with access policies, pedagogical, communicational, and attitudinal barriers still persist. Methodologically, this is a qualitative study, developed with the application of semi-structured questionnaires and continuous observations, involving eight participants, four of whom were tutees with different conditions (deafness, physical disability, schizophrenia, and anxiety disorder) and four fellow tutors from the same class. The tutors received initial

training and support through a pedagogical guide, seeking to guide their duties and strengthen the mediation of the tutoring process. The results show that tutoring contributed to academic progress, strengthening interpersonal relationships, and greater participation of tutees in activities, in addition to promoting the socio-emotional and academic development of the tutors. However, limitations were identified related to the time available, the continuity of monitoring, and the need for more specific training, especially in the field of Libras (Brazilian Sign Language) and accessibility strategies. It is concluded that peer tutoring is a promising practice for inclusion in higher education, and can be expanded and strengthened with greater involvement of the teacher in conducting the process, forming a triad between tutor, tutee, and teacher.

Keywords: Peer tutoring; Inclusive education; Geography teaching.

¹Graduado em Licenciatura em Geografia IFPA/Campus Bragança, Pós – Graduando em Ensino de Geografia UFPA/Campus Ananindeua, Pós Graduando em Alfabetização Discursiva na Deficiência Visual - Instituto Benjamin Constant/ Rio de Janeiro.

²Professor EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará - UECE (2016), Especialista em Gestão de Recursos Agroflorestais da Amazônia pela Universidade Federal do Pará -UFPA (2013), Bacharel e Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará (2006).

INTRODUÇÃO:

A inclusão na educação é um assunto que demanda muitas discussões, principalmente quando a temática é na perspectiva da Educação Especial (EE). No passado, falar de Educação Especial no ensino de Geografia ou qualquer outra disciplina, era quase impossível ou inexistente, como recorda Mazota (2011). Até a década de 1990, os alunos eram separados em escolas “especiais” ou ficavam somente em suas residências, sendo-lhes negado o direito à vida social e educacional.

Um dos fatores que ocasionam essa segregação era a falta de capacitação e formação dos profissionais da educação para lidar com o público da Educação Especial nas escolas regulares de ensino. Deste modo, segundo Manfio (2021, p.3) “os profissionais não estavam preparados para lidar com múltiplas formas de ensinar e pela segregação que a sociedade promovia aos indivíduos com necessidades específicas, pessoas com deficiência auditiva, motora, visual ou outra”.

Realidade que, apesar de ainda ter grandes dificuldades, vem sendo transformada por meio de diversas políticas públicas, leis e resoluções, como; a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96, resolução CNE/CEB n.º 2/2001, que

institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, Lei 12.764/2012, resolução CNE/CP 2, de 01 de julho de 2015). Todas essas ações aumentaram significativamente a inserção de alunos, público-alvo da Educação Especial Inclusiva (EEI), em escolas regulares.

Dessa forma, conforme o censo de 2022 "Apenas 7,4% das pessoas com deficiência haviam concluído o ensino superior, contra 19,5% das pessoas sem deficiência" (IBGE, 2025, p. [s.n.]). Ainda que os dados indiquem avanços no acesso de pessoas com deficiência ao ensino superior, a taxa de conclusão permanece baixa, o que demonstra que o desafio não está apenas no ingresso, mas principalmente na permanência e na conclusão dos cursos.

Nesse sentido, essa pesquisa surgiu a partir das observações de que alguns alunos do público-alvo da Educação Especial (PAEE) matriculados regularmente nos cursos superiores do IFPA/Campus Bragança, vinculados ao Núcleo de Atendimento a Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE), dispõem de monitores ou acompanhantes especializados em sala de aula além do suporte do NAPNE. No entanto, esses profissionais não são do mesmo curso ou turma, desse modo, não acompanham o contexto total de aprendizagem dos alunos durante a semana de aulas.

O curso de Licenciatura em Geografia do IFPA/Campus Bragança, conforme descrito em seu Projeto Pedagógico de Curso (PPC), está estruturado em núcleos de formação que articulam fundamentos gerais, específicos e pedagógicos, contemplando componentes curriculares como Libras, Educação Especial, Educação para os Direitos Humanos, Vivência I – Olhar Antropológico da Educação e Vivência II – Educação Inclusiva, entre outras disciplinas, de caráter obrigatório, que dialogam com a temática da inclusão em suas ementas. O PPC também destaca o papel do NAPNE na garantia de acessibilidade e adaptação curricular, por meio de recursos didático-pedagógicos e acompanhamento especializado.

No momento inicial da pesquisa, de acordo com o levantamento realizado junto ao NAPNE em 2020 início da primeira turma regular de licenciatura em geografia havia apenas um aluno com deficiência devidamente laudado dado que evidência tanto a presença ainda tímida desse público no ensino superior quanto a necessidade de estratégias pedagógicas que fortaleçam sua permanência e participação acadêmica.

Partindo disso, surgiu a tutoria por pares, Soares (2021) afirma que a Tutoria por Pares é vista como uma interação entre os alunos no seu processo de ensino e

aprendizagem, uma vez que, um dos alunos estará agindo como professores no sentido de auxiliar no compartilhamento do conhecimento e resolução de dúvidas promovendo assim ajuda mútua entre seus pares. Por outro lado, a Aprendizagem Colaborativa já é reconhecida como um suporte de ensino e coparticipação entre os pares.

Bond e Castagnera (2006) ressaltam que, quando os pares são usados como suporte à educação, todos os envolvidos que atuam como tutorados e tutores se beneficiam em áreas socioemocionais e acadêmicas. Diante disso, coloca-se a seguinte questão: Pode a aprendizagem colaborativa e tutoria por pares realizada por colegas da mesma turma, contribuir para a inclusão de alunos com deficiências no ensino de geografia e beneficiar o desenvolvimento acadêmico e social dos tutores(as) e tutorados(as)? E como os mesmos avaliam essa experiência em sala de aula?

Deste modo, pesquisar de que forma a tutoria por pares, mediada pela aprendizagem colaborativa, pode favorecer o processo de ensino e aprendizagem dos discentes público-alvo da educação especial, do curso de Licenciatura em Geografia do IFPA/Campus Bragança, destacando quais foram as contribuições e desafios dessa prática para a construção de estratégias pedagógicas mais inclusivas, críticas e participativas no ensino de Geografia. Além de, desvelar quais saberes emergem dessa interação no contexto da inclusão.

QUANDO SE COMEÇOU A PENSAR A EDUCAÇÃO ESPECIAL NO BRASIL

A inserção da Educação Especial na formação de professores de Geografia no Brasil é um processo recente, quando comparado à própria constituição da licenciatura, iniciada nos anos 1930 com a criação dos primeiros cursos superiores de Geografia, como na Universidade de São Paulo (USP), sob influência da escola francesa (Pontuschka, 2007). Até a década de 1990, alunos com deficiência eram, em sua maioria, segregados em instituições especializadas ou privados do acesso à escolarização formal (Mazota, 2011), o que refletia diretamente na ausência do debate sobre inclusão nos currículos de formação docente.

A formação inicial desses professores foi marcada, ao longo do século XX, por sucessivas reformas educacionais, como as promovidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1961 e 1971, que priorizaram respostas rápidas às demandas do mercado, com licenciaturas curtas e conteúdos fragmentados (Saviani, 2008). Durante o regime militar, medidas como a Resolução Conselho Federal de Educação (CFE) contribuíram para o enfraquecimento das licenciaturas específicas,

entre elas a de Geografia, substituídas pelo curso de Estudos Sociais, comprometendo a formação didático-pedagógica e disciplinar.

Somente a partir da LDB nº 9.394/1996, com a retomada de uma política mais voltada à valorização da docência, é que se abriu espaço para uma formação crítica, reflexiva e emancipadora, voltada para a realidade escolar (Pontuschka, 2007; Saviani, 2009). As Diretrizes Curriculares Nacionais de 2002, embora sem obrigatoriedade explícita sobre conteúdos voltados à Educação Especial, estimularam o debate sobre a inclusão nos cursos de licenciatura, mesmo que ainda de forma tímida.

Esse breve percurso revela que a Educação Especial foi historicamente deixada a margem dos currículos de formação docente, inclusive no curso de Geografia. Quando presente, sua abordagem foi superficial, marcada por ausência de compromisso sistemático com a inclusão, o que evidencia a urgência de se repensar a formação dos professores à cerca das necessidades educacionais contemporâneas e da construção de práticas pedagógicas efetivamente inclusivas.

APRENDIZAGEM COLABORATIVA E TUTORIA POR PARES

A história das pessoas com deficiência no Brasil é marcada pelo preconceito estigmatizante, e estava fundamentada na ideia de inferioridade. As pessoas com deficiência eram excluídas e vistas como incapazes de contribuir com a sociedade. Como nas demais regiões e estados do Brasil, no Pará a trajetória de acesso aos direitos e reconhecimento das pessoas com deficiência na sociedade é recente, em relação ao acesso à educação mais recente ainda, sendo acompanhada de muita discriminação e preconceito, mas também muita luta por parte de algumas pessoas vocacionadas pela causa.

A Educação Especial (EE) era quase inexistente no início do século XX no estado do Pará os termos usados para se referir as pessoas com alguma deficiência ou necessidade educacional específica, eram diferentes dos que se utilizam hoje, como; “retardados”, “idiotas”, “incapacitado”, “alienado”, mobilizando representações de incapacidade.

Ainda nesse período, existiram no Brasil, desde 1854, iniciativas oficiais e particulares voltadas para o atendimento educacional de pessoas com deficiência, mas de forma muito isolada registradas desde 1854, especialmente em São Paulo e Rio de Janeiro. Segundo Mazotta (2011), houve no início do século XX até a década de 1950 algumas campanhas lideradas especialmente por instituições particulares e pelo

Estado voltadas para os excepcionais, e ainda de acordo com o autor, a partir de 1957 outro período, que se estendeu até 1993, de iniciativas oficiais de âmbito nacional.

Partindo desse pressuposto, ao longo dos anos se verifica que às pessoas com deficiências de maneira incipiente tem ocupado vagas em universidades públicas, seja ela por políticas de cotas ou ampla concorrência, mas ainda sim urge a necessidade do professor cada vez mais pensar em torna-se um docente inovador e reflexivo acerca das suas práxis para atender melhor as especificidades dos alunos do público-alvo da educação especial.

Sendo assim, a LDB teve por objetivo trazer mudanças nos processos formativos dos professores em todos os níveis de ensino e modalidades, que buscou reorganizá-los em educação básica. No seu artigo 59 da lei nº 9.394/96, que regulamenta os sistemas de ensino, devem assegurar os alunos por meio de um currículo, métodos e recursos organizados, que venha a atender as especificidades e suas necessidades. Dessa forma, a LDB prevê a inserção da Educação Especial no contexto formativo de professores. Além disso, o texto aborda o currículo, método, técnicas e recursos voltados para as necessidades específicas dos alunos.

Sob esse ponto de vista, é preciso que haja certas mudanças no processo de ensino/aprendizagem dos discentes. O professor precisa refletir sobre as suas práxis, tendo como foco o papel central na mediação da produção e transmissão do conhecimento. Nesse contexto, Moran, Masetto e Behrens (2000) ressaltam que ensinar é um desafio constante que a simples inserção de tecnologias não garante uma educação de qualidade; é necessário integrar o ensino à vida, à ética e à construção de um projeto de formação pessoal e social dos alunos, voltado à transformação da realidade.

A partir dessa lógica, é nessa direção que a aprendizagem colaborativa surge, na qual a aprendizagem é um processo mútuo, em que ambos aprendem juntos de maneira integrada e colaborativa. De acordo com Duran (2007), aprendizagem entre iguais é uma forma de ajuda mútua e cooperativa, onde ambos ensinam e aprendem em um processo contínuo e colaborativo que deve ser permanente. Nessa perspectiva, os autores reiteram a importância de metodologias participativas no processo de ensino-aprendizagem. Torres e Iralda (2014, p. 02) reiteram que:

[...] A aprendizagem colaborativa e a aprendizagem cooperativa têm sido frequentemente defendidas no meio acadêmico atual, pois se reconhece nessas metodologias o potencial de promover uma aprendizagem mais

ativa por meio do estímulo: ao pensamento crítico; ao desenvolvimento de capacidades de interação, negociação de informações e resolução de problemas; ao desenvolvimento da capacidade de autorregulação do processo de ensino-aprendizagem. Essas formas de ensinar e aprender, segundo seus defensores, tornam os alunos mais responsáveis por sua aprendizagem, levando-os a assimilar conceitos e a construir conhecimentos de uma maneira mais autônoma. Tais propostas trazem intrinsecamente concepções sobre o que é ensino, aprendizagem e qual a natureza do conhecimento. Uma das ideias fundamentais que elas encerram é a de que o conhecimento é construído socialmente, na interação entre pessoas e não pela transferência do professor para o aluno.

Sob a ótica dos autores, a aprendizagem colaborativa ou cooperativa traz em seu bojo concepções de práticas formativas pautadas na construção interativa e colaborativa do saber, rompendo com essa lógica tradicional centralizada na figura do professor sendo o único responsável pela transferência dos conteúdos e conhecimento. Sendo assim, os autores defendem a abordagem de um saber construído com base nas relações sociais, por meio da troca entre aluno.

Com base nisso, o contexto escolar é um espaço importante onde ocorre essas trocas de conhecimentos por meio das relações socio construtivas e interpessoais, ultrapassando essa função mais tradicional de mera transmissora de conteúdos de disciplinas, “[...] nessa perspectiva, o maior protagonismo do sujeito aluno estaria, para além de aprender os conteúdos explícitos do currículo escolar, sobretudo na compreensão de que o conhecimento deve lhe ajudar a entender melhor a realidade em que está inserido” (Andrade, 2019, p. 41)

Tendo isso em vista, destaca-se também a importância da tutoria por pares como estratégia aplicável a diversos contextos, desde profissionais, escolares, acadêmicos. Nesse sentido, a tutoria por pares surgiu a partir da mesma primícia de troca coletiva e colaborativa de maneira formativa complementar, de integração a aprendizagem colaborativa. De acordo com Neves (2011) as pesquisas as quais foram desenvolvidas sobre tutoria de pares definem essa estratégia como um sistema de aprendizagem em que os alunos se ajudam em um processo mútuo de ensinar e aprender ao mesmo tempo.

Antes de prosseguirmos acerca da tutoria entre pares, é necessário salientar que existem outras formas de fazer tutoria. Em conformidade com os autores Gatti e Blary (2018) “consideram que há uma tutoria a partir do momento em que um aluno ajuda, acompanha, cuida de um indivíduo ou de um grupo de pessoas” (Gatti; Blary, 2018, p. 9).

Sendo assim, existe uma diversidade de possibilidades de se fazer tutoria, seja ela em turmas, cursos, grupos ou entre pares, tutoria entre pares é composta por diversos modelos. “Eles incluem a Tutoria entre Pares em Toda a Classe (CWPT), a Tutoria para a Mesma Idade, a Tutoria para Diferentes Idades, as Estratégias de Aprendizagem Assistida por Pares (PALS) e a Tutoria Recíproca entre Pares” (Hoot, Walker e Sahni, 2012, p. 31).

Na mesma linha de pensamento, Hoot, Walker e Sahni (2012) afirmam que a tutoria entre pares tem sua efetividade somente quando um sujeito instrui o outro, denominado de tutor, aquele que ajuda e orienta, desempenhando um papel semelhante ao de um professor, e o outro sujeito é denominado de tutorado, aquele que recebe a ajuda. Arguis, (2002, p. 18) argumentam:

[...] Discutem a tutoria como estratégia pedagógica para melhorar a indisciplina e, conseqüentemente, o desempenho acadêmico dos alunos, buscando compreender as especificidades do cotidiano escolar, e a partir dele identificar elementos que tornem mais fácil relacionar o vivenciado por eles com as orientações da atividade de tutoria. Assim sendo, apontam que a tutoria possibilitou uma expansão nas ações de socialização entre os alunos, bem como a aproximação de suas trajetórias acadêmicas.

É importante reiterar que os alunos que participam desse processo de tutoria devem ter em mente, de forma clara, as suas atribuições enquanto tutores e tutorados. De acordo com Topping (2000), a aplicação da tutoria entre pares em sala de aula tende a ser eficaz quando o tutor compreende o seu papel, que gira em torno de ajudar o seu colega e, conseqüentemente, organizar esse processo de progressão na aprendizagem do tutorado, criando uma atmosfera de motivações alicerçada em uma base de reciprocidade acerca das funções dos agentes envolvidos.

Além do mais, é importante elencar que a tutoria por pares na perspectiva da educação especial inclusiva tem se mostrado eficaz na promoção de avanços sociais e acadêmicos no contexto educacional: pesquisas de Cabral (2019) com um aluno com deficiência intelectual; Neves (2011) aplicados a dois alunos com deficiência, com ênfase a dificuldades de sociabilidade; Orlando (2010), Fernandes e Costa (2025) implementados a alunos com deficiência visual. Todos esses corroboraram com ideia de que a tutoria é um caminho viável e estratégico que beneficiam os alunos com necessidades educacionais específicas.

Convém frisar que, nas literaturas encontradas demonstram que mais alunos com deficiências poderiam ser envolvidos na tutoria, como alunos com surdos, surdo-cegueira, deficiências múltiplas e entre outros. Cabral (2019) evidencia que ainda há

muito a se fazer e que esses procedimentos, poderiam ser ampliados de forma mais abrangente, e que a tutoria não restringiria somente a alunos com especificidades, mas também a alunos sem deficiências. Portanto é importante chamar atenção para as incipiências de pesquisas desenvolvidas nessa área para a região norte.

PERCURSO METODOLÓGICO

Neste estudo, utilizamos a abordagem qualitativa para analisarmos os resultados da pesquisa. De acordo com Gil (2008), nesse tipo de pesquisa não há um único tipo de fórmula ou receitas predefinidas para orientar o pesquisador, visto que a análise da investigação depende muito do estilo de cada sujeito que irá pesquisar ou desenvolver a pesquisa. Ainda de acordo com Bardin (2016), a análise qualitativa não desconsidera toda e qualquer maneira de quantificação de dados.

Nesse sentido, o presente trabalho foi desenvolvido em cinco etapas, iniciado com levantamento bibliográfico sobre as principais pesquisas sobre tutoria por pares, com o intuito de fundamentar teoricamente a investigação e compreender como essa estratégia vem sendo aplicada no contexto da Educação Inclusiva.

A segunda etapa consistiu na definição da abordagem metodológica e na construção dos instrumentos de coleta de dados. Com o propósito de melhor elucidação da temática pesquisada, optamos por utilizar questionários com perguntas semiestruturadas, aplicados antes, durante e ao final para os tutores somente ao final para os tutorados. Após essa etapa, foi realizada uma categorização em quadro com as falas das entrevistas iniciais, contínuas e finais, considerando o entendimento e as percepções acerca de toda a experiência vivenciada pelos tutores e tutorados.

Por fim, o tratamento dos resultados, bem como os processos de inferência e interpretação, possibilitou encontrar respostas ao questionamento da pesquisa, a partir dos discursos dos participantes devidamente categorizados, com base nas entrevistas e observações, objetivando comparar de forma fidedigna a participação do tutorado em sala de aula.

A terceira etapa constituiu-se na definição do público-alvo e na seleção dos participantes. O público-alvo da escolha dos sujeitos da pesquisa foi determinado primeiramente a partir do levantamento dos alunos com deficiência regularmente matriculados no curso de Licenciatura em Geografia. Essa busca foi realizada junto ao NAPNE/IFPA-Campus Bragança, com o intuito de identificar os estudantes com alguma deficiência. Desse modo, foram reconhecidos, por meio dos laudos, quatro discentes matriculados.

A partir desse mapeamento, foram selecionados 04 alunos sem deficiência para atuarem na condição de tutores e 04 alunos com deficiência para atuarem como tutorados, totalizando oito participantes na pesquisa. Ao todo, participaram da pesquisa 08 (oito) alunos, dos quais 04 (quatro) apresentavam algum tipo de deficiência e os outros 04 (quatro) eram colegas de turma, selecionados para atuar como tutores.

Dos discentes que atuaram na condição de tutorados, todos possuíam laudos médicos, dos quais podemos elencar: Surdez; Deficiência física; Esquizofrenia e Transtorno de Ansiedade. Para identificar os participantes e preservar o anonimato, foram adotadas siglas alfanuméricas, sendo os tutores identificados pela sigla TU e os tutorados pela sigla TD, seguidos de numeração correspondente à dupla de tutoria (ex.: TU – TD1). Em situações analíticas específicas, utilizou-se a indicação da condição do tutorado apenas quando pertinente à discussão dos resultados.

A quarta etapa se deu por meio do convite aos cinco alunos para participar da pesquisa na condição de tutorados. Posteriormente, foi realizada uma seleção por meio de chamada específica, direcionada apenas às turmas que contavam com alunos com deficiência e que manifestaram interesse em participar como tutorados, com a finalidade de selecionar os tutores. Vale ressaltar que os tutores foram escolhidos levando em consideração os seguintes critérios: assiduidade, rendimento acadêmico e proximidade com o tutorado, sendo que a escolha final foi feita pelo próprio tutorado.

A quinta etapa consistiu nos procedimentos éticos e na formação dos tutores. Todos os participantes firmaram os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), tanto os estudantes que atuaram como tutores quanto aqueles que participaram como tutorados. Além disso, foi apresentada a estrutura do projeto, bem como os benefícios, riscos e cuidados entorno de todo o andamento da pesquisa. Após isso, se realizou a formação dos tutores acerca do universo da educação especial inclusiva e sobre o que é a aprendizagem colaborativa e tutoria por pares e como funciona na prática. Somente a partir desse momento os discentes puderam atuar como tutores.

Também foram disponibilizado um material de suporte pedagógico em formato de apostila, intitulado “guia do aluno tutor” criado a partir de inspirações da pesquisa de dissertação de Cabral (2019), contendo orientações acerca do saber fazer do papel do tutor em relação ao seu tutorado e suas atribuições nesse processo. Ademais, ao longo de todo o processo de tutoria, foi criado um grupo no *Whatsapp* como meio de comunicação entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa, com o intuito de

acompanhar as demandas e eventuais situações que pudessem surgir entre tutores e tutorados.

Por fim, a última etapa correspondeu à análise dos achados da investigação, sustentada na coleta de depoimentos orais e escritos dos alunos envolvidos como tutores e tutorados. Para a análise dos achados preenchidos nos questionários, os dados foram comparados com outros trabalhos desenvolvidos com o mesmo princípio de tutoria, ainda que não na área da Geografia. Lakatos (2019) discorre sobre esse tipo de método como uma análise interpretativa e crítica, cujo principal objetivo é correlacionar ideias de autores diferentes a partir de uma mesma temática, realizando uma crítica centrada em uma lógica de argumentos válidos e convincentes.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados obtidos se referem ao processo de análise de conteúdo realizado com base nas falas dos participantes ao longo da pesquisa, contemplando a interpretação dos registros produzidos durante a coleta de dados. Portanto, é importante reiterar que a natureza desta pesquisa é pautada na abordagem aplicada, pois, de acordo com Gil (2008), seu principal intuito está na aplicabilidade e nas consequências práticas dos conhecimentos apreendidos, preocupando-se menos com a formulação teórica e priorizando a aplicação em uma realidade circunstancial específica.

Os discursos apresentados no quadro 01 evidenciam que os tutores manifestaram sentimentos predominantemente positivos ao serem selecionados para atuar na tutoria, tais como entusiasmo, felicidade, senso de responsabilidade e oportunidade de aprendizagem. Tais percepções iniciais revelam que o convite para assumir o papel de tutor foi compreendido como um reconhecimento de suas capacidades acadêmicas e sociais, bem como uma possibilidade de crescimento pessoal e coletivo.

Quadro 01- Discurso dos tutores sobre o sentimento de terem sido selecionados para serem tutores(as)

ENTREVISTA INICIAL
“Será ótimo e participarei mais ativamente para contribuição no que for necessário.”
“Ao ser selecionado houve entusiasmo por estar em um novo desafio ao Qual não tinha tido antes experiência, e medo de não conseguir alcançar os objetivos.”
“Responsabilidade e oportunidade de aprender, ao ser tutor.”

“Sentir feliz por ter sido selecionada.”

Fonte: Entrevistas (2025)

A fala do tutor da aluna surda “*Será ótimo e participarei mais ativamente para contribuição no que for necessário*” demonstra disposição para o engajamento e para a colaboração ativa no processo educativo. Esse posicionamento vai ao encontro do que defendem Duran e Vidal (2007), ao afirmarem que o tutor tende a se envolver afetivamente com a qualidade da relação tutorial, uma vez que percebe que a aprendizagem do tutorado depende, em grande medida, do nível de ajuda que ele será capaz de oferecer.

De forma semelhante, o tutor do aluno surdo relata entusiasmo diante de um novo desafio, mas também expressa receio quanto à própria capacidade de alcançar os objetivos propostos. Esse sentimento ambivalente, entusiasmo associado ao medo, também foi identificado em estudos sobre Tutoria por Pares na perspectiva inclusiva, nos quais os tutores reconhecem a relevância da função assumida e, ao mesmo tempo, demonstram preocupação com a responsabilidade atribuída ao papel de tutor. Conforme Arguis et al. (2002), a tutoria não se constitui como um processo imediato ou simples, mas como uma construção coletiva que exige envolvimento, paciência e acompanhamento contínuo, especialmente nas etapas iniciais da experiência tutorial.

No discurso do tutor do aluno com epilepsia, “*Responsabilidade e oportunidade de aprender, ao ser tutor*”, observa-se uma compreensão mais clara do duplo papel exercido na tutoria: ensinar e aprender simultaneamente. Essa percepção dialoga com os pressupostos da aprendizagem colaborativa, segundo os quais o tutor também reorganiza seu próprio processo cognitivo ao auxiliar o colega, potencializando sua aprendizagem e desenvolvimento acadêmico.

Nesse sentido, a literatura aponta que a necessidade de ensinar leva o tutor a refletir, sistematizar e aprofundar seus conhecimentos, o que fortalece sua autonomia e autoconfiança. Já a fala da aluna com deficiência física, “*Sentir feliz por ter sido selecionada*”, reforça a dimensão afetiva presente no processo de tutoria. O sentimento de felicidade associado à seleção indica que o programa de Tutoria por Pares pode contribuir para o fortalecimento da autoestima e do sentimento de pertencimento dos estudantes, aspecto fundamental em uma proposta de educação inclusiva. Conforme Jannuzzi (2012), uma educação inclusiva deve priorizar a pessoa, e não a deficiência,

valorizando suas potencialidades e promovendo condições para sua participação ativa no processo educativo.

Outro Questionamento foi sobre o papel e tarefas a serem desempenhados pelo tutor(as) (quadro 02):

Quadro 02 - Discurso dos tutores(as) acerca do entendimento sobre a tutoria

ENTREVISTA INICIAL
“Orientar e ajudar o colega de sala da melhor forma possível”
“O papel do tutor é ajudar o tutorado no processo de aprendizagem, não porque o tutorado seja mais capaz, mas num processo mútuo de aprendizagem”
“Auxiliar o aluno nas atividades acadêmicas com aula-video, assim como explicações de assuntos de diversas matérias”
“Ajudar o tutorado naquilo que tem dificuldades”

Fonte: Entrevistas (2025)

Cabe destacar, inicialmente, que os tutores participaram, antes da realização da entrevista inicial, de uma formação voltada à compreensão conceitual da tutoria por pares e aos fundamentos da Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva. Tal momento formativo constituiu-se como elemento estruturante da pesquisa, na medida em que forneceu subsídios teórico-metodológicos para a atuação dos tutores e para a elaboração de suas compreensões acerca do papel a ser desempenhado no acompanhamento pedagógico dos estudantes público-alvo da Educação Especial.

À luz desse contexto, os discursos analisados revelam que o entendimento inicial dos tutores acerca da tutoria se ancora, predominantemente, em noções de apoio, orientação e auxílio direto ao colega tutorado, conforme evidenciado em enunciados que enfatizam “ajudar”, “orientar” e “auxiliar” nas atividades acadêmicas. Tal concepção, embora ainda fortemente associada a uma dimensão assistencial, não deve ser compreendida como limitada, uma vez que se insere em um contexto educacional marcado por demandas específicas de acessibilidade, mediação pedagógica e reconhecimento das diferenças, sobretudo quando se trata do acompanhamento de estudantes com deficiência.

Observa-se, contudo, a emergência de uma compreensão mais elaborada da tutoria, especialmente quando os tutores reconhecem o caráter relacional e dialógico do processo, ao afirmarem que a tutoria não se restringe à ampliação das capacidades do tutorado, mas se constitui como um processo mútuo de aprendizagem. Essa perspectiva se aproxima do referencial da aprendizagem cooperativa, conforme discutido por Duran e Vidal (2007), para quem a diversidade entre os estudantes

inclusive no que se refere aos níveis de conhecimento se configura como condição indispensável para a efetivação da aprendizagem cooperativa, rompendo com a lógica homogênea do ensino tradicional. Nessa direção, os autores afirmam que a ausência de diferenças inviabiliza a própria construção da cooperação pedagógica, uma vez que é na interação entre sujeitos distintos que se produz o aprendizado compartilhado (Duran; Vidal, 2007)

Dessa forma, os resultados indicam que os tutores passam a atribuir à tutoria um papel que transcende o apoio pontual, aproximando-se de uma concepção pedagógica pautada na corresponsabilização pelo processo de aprendizagem.

Tal compreensão evidencia o potencial da tutoria por pares como estratégia inclusiva, capaz de promover interações pedagógicas significativas, fundamentadas no diálogo, na mediação e no reconhecimento das singularidades, contribuindo para a construção de práticas educativas mais equitativas no contexto da educação inclusiva.

A seguir o quadro 03 apresentam os relatos das observações feitas pelos tutores sobre o desempenho ou dificuldades enfrentadas pelos seus tutorados em sala de aula.

Quadro 03 - Descrição de atividades em sala de aula.

RELATOS DAS OBSERVAÇÕES CONTÍNUAS DOS TUTORES
“Através de rodas de conversas metodologias utilizadas em sala de aula pelo professor que auxiliou bastante na aprendizagem do conteúdo.”
“O tutorado embora tenha algumas dificuldades algo que é normal em sala de aula, tem se mostrado não só interessado, mas também capacitado e inteligente”.
“Mesmo com dificuldades de expor ou debater assuntos, principalmente em seminários, porém absorvendo bem o conteúdo”
“Ela já era muito interessada em aprender sobre os conteúdos, porém, continua interessada em aprender mais sobre os conteúdos”.

Fonte: Entrevistas (2025)

As observações contínuas realizadas pelos tutores em sala de aula foi uma etapa fundamental do processo de tutoria, uma vez que possibilitaram o acompanhamento sistemático do desempenho, do interesse e das estratégias de aprendizagem dos alunos tutorados. Esse momento permitiu que os tutores identificassem, de forma mais precisa, em quais disciplinas e áreas do conhecimento poderiam oferecer maior suporte pedagógico, bem como os contextos em que a mediação se fazia mais necessária, contribuindo para uma atuação mais consciente e direcionada.

Os relatos evidenciam que as dificuldades observadas não se restringem exclusivamente à condição de deficiência, mas estão relacionadas a aspectos comuns ao cotidiano escolar, como a participação em seminários, a exposição oral de ideias e a apropriação de determinados conteúdos. Ao mesmo tempo, se destaca, de maneira recorrente, o interesse, a capacidade cognitiva e o envolvimento dos alunos tutorados, como expresso em afirmações que ressaltam que o aluno “tem se mostrado não só interessado, mas também capacitado e inteligente”, ou que “observa bem o conteúdo”, mesmo diante de dificuldades específicas.

Nesse sentido, as observações realizadas pelos tutores contribuem para a desconstrução de concepções reducionistas que associam a deficiência exclusivamente à limitação. Os dados analisados evidenciam que os alunos com deficiência apresentam habilidades, potencialidades e formas próprias de aprendizagem, as quais podem ser mobilizadas e ampliadas por meio de práticas pedagógicas mediadas, dialógicas e inclusivas. Tal constatação reforça a compreensão de que a deficiência não deve ser compreendida como fator impeditivo do aprendizado, mas como uma condição que exige estratégias pedagógicas diferenciadas e sensíveis às singularidades dos sujeitos.

Em seguida, se apresentam as falas dos tutores durante as observações contínuas durante as aulas. Desse modo, o quadro 04 expõe o relato das dificuldades enfrentadas pelos alunos tutorados em sala de aula a partir da perspectiva do seu tutor.

Quadro 04 - Descrição das dificuldades do tutorado em sala de aula.

RELATOS DAS OBSERVAÇÕES CONTÍNUAS
“Não conseguir ajudar porque ainda possuo muitas dificuldades em utilizar a língua brasileira de sinais”.
“As principais dificuldades são na maioria das vezes, na falta de dinâmicas pedagógicas, por exemplo o tutorado tem se mostrado hábil em aprender com recursos didáticos como vídeos aulas rápidos e imagens ilustrativas”.
“Congruência social, utilizando os conhecimentos acadêmicos, com sucesso do tutorado, com empatia, porém, enfrentou dificuldades durante tentativa de explicação da atividade”.
“Minha tutorada não tem dificuldade com as atividades, sua única dificuldade é na condução da sua cadeira de rodas”.

Fonte: Entrevistas (2025)

Com relação a essa quarta categoria do Quadro 04, se observa que, no caso dos alunos surdos, a limitação no domínio da Língua Brasileira de Sinais por parte do tutor compromete a mediação do conhecimento, reforçando a necessidade de formação específica e da utilização de estratégias visuais diversificadas. Nesse contexto, no

ensino de Geografia, se torna possível adaptar e ofertar múltiplas formas de aprendizagem, considerando as especificidades dos estudantes.

Conforme destacam Fantin, Tauschek e Labiak (2013, p. 74), “a partir do momento em que a geografia passa a ser entendida como uma área do saber que busca definir seu papel na construção do conhecimento científico, cabe então a tentativa de perceber como ela se apresenta nos currículos, propostas pedagógicas e práticas educativas”.

Nesse sentido, o uso de recursos visuais se configura como uma estratégia pedagógica potente e inclusiva no ensino de Geografia, uma vez que favorece a compreensão dos conteúdos tanto por alunos surdos quanto por alunos ouvintes, ampliando as possibilidades de acesso ao conhecimento e de participação em sala de aula. Conforme ressaltam Fantin, Tauschek e Labiak (2013, p. 142), “No ensino da geografia, o uso de imagens (fotografias, filmes, desenhos, slides, fotos aéreas, cenas de telejornal, novelas etc.) é sempre um recurso interessante”.

As observações realizadas pelos tutores se mostram fundamentais ao evidenciar que a mediação baseada no visual contribui significativamente para a aprendizagem do aluno surdo, reafirmando o papel da tutoria por pares como um instrumento relevante na identificação de estratégias pedagógicas inclusivas e na valorização de práticas que respeitam as diferentes formas de aprender.

Portanto, o conhecimento pedagógico e de conteúdo das práticas curriculares se revela passível de ser trabalhado de maneira inclusiva no ensino de Geografia, possibilitando o acesso, a participação e a aprendizagem de todos os alunos, inclusive daqueles com necessidades educacionais específicas, desde que sejam garantidas adaptações metodológicas e recursos pedagógicos adequados.

Conforme discutido nos estudos sobre tutoria por pares em perspectiva inclusiva, a ausência de recursos linguísticos adequados pode gerar barreiras atitudinais e pedagógicas, dificultando a efetivação do processo de ensino-aprendizagem e a participação plena do aluno.

Por outro lado, os relatos referentes aos alunos com epilepsia e deficiência física indicam que, embora haja avanços na dimensão socioemocional, empatia, congruência social e bom relacionamento, persistem desafios na adaptação das práticas pedagógicas e na garantia de acessibilidade física. Esses achados corroboram a literatura ao apontar que a inclusão escolar não se restringe ao apoio interpessoal, mas

exige condições materiais, metodológicas e organizacionais que favoreçam a autonomia do estudante.

O quadro 05 apresenta o discurso da entrevista final sobre o sentimento em terem exercido a função de tutores:

Quadro 05 - Discurso dos tutores acerca de como a tutoria contribuiu para o seu desenvolvimento acadêmico no curso

ENTREVISTA FINAL DOS TUTORES(A)
“Trouxe avanços no aprendizado tanto do tutor quanto do tutorado que vai se adquirindo ao longo do projeto”.
“A tutoria contribuiu para quebrar alguns paradigmas sobre a vida acadêmica e a educação inclusiva, e isso me fez crescer em conhecimento”.
“Excelente. Desenvolvi em muitas áreas.” Excelente.
“No meu aprendizado em cada disciplina”.

Fonte: Entrevistas (2025)

Os discursos apresentados convergem com os benefícios atribuídos à tutoria por pares no processo formativo dos alunos tutores, conforme destacado por diferentes estudos, como bem aponta Jenkins (1981) de que alguns estudos desvelaram que os alunos que atuam como tutores se beneficiam ainda mais academicamente do que os alunos tutorados. Nesse sentido, a lista de benefícios não cognitivos adquiridos nesse processo pelos alunos tutores que ensinam estão: o aumento da autoconfiança, empatia, senso de responsabilidade e dentre outras competências.

Monteiro (1995) também analisou os benefícios cognitivos do tutor, e concluiu que, na maioria das vezes, os tutores parecem crescer academicamente mais do que seus colegas que não passaram pela mesma experiência, e que este efeito positivo parece perdurar no tempo.

Ao final da pesquisa, os estudantes tutores foram questionados sobre de que maneira a experiência da tutoria influenciou sua trajetória acadêmica no curso de Geografia, conforme demonstrado no Quadro 05. As respostas evidenciam que a participação na tutoria contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento acadêmico e formativo dos envolvidos, reforçando o papel dessa prática no contexto do ensino superior.

Nas falas dos tutores eles disseram que *“Trouxe avanços no aprendizado tanto do tutor quanto do tutorado que vai se adquirindo ao longo do projeto”* (Tutorada da Aluna Surda), *“A tutoria contribuiu para quebrar alguns paradigmas sobre a vida*

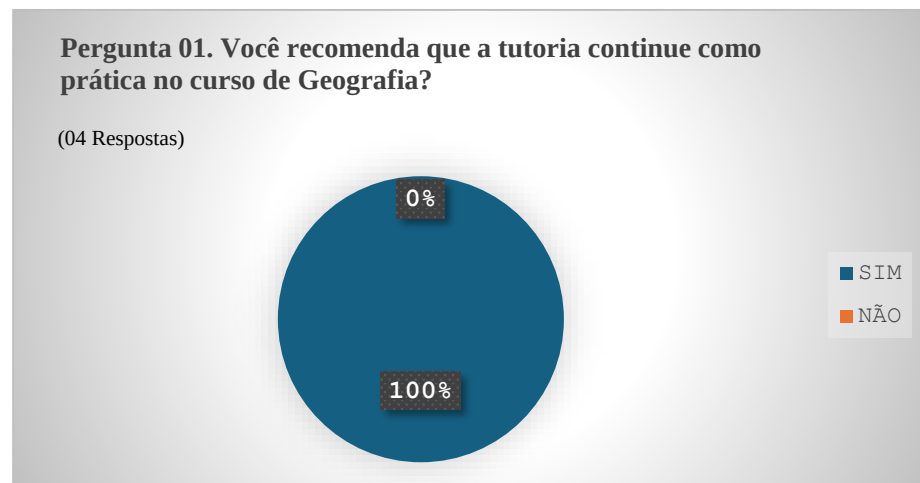
acadêmica e a educação inclusiva, e isso me fez crescer em conhecimento” (Tutorado do aluno surdo), *“Excelente. Desenvolvi em muitas áreas.”* Excelente (Tutorado do aluno com epilepsia), *“No meu aprendizado em cada disciplina”* (Tutorada da aluna com deficiência física).

Desse modo, a percepção positiva descrita no quadro 05 em relação aos próprios aprendizados é resultado da dedicação dos tutores para com seus tutorados. Ao assumirem esse papel, os tutores ampliam seus conhecimentos em razão do comprometimento com a pesquisa, a organização dos conteúdos e o aprofundamento teórico necessários para auxiliar o aluno com deficiência, o que contribui significativamente para seu crescimento acadêmico e social no contexto escolar. Cabral (2019) e Monteiro (1995), reiteram que os alunos que se submetem a desempenhar a função de tutores, apresentam um maior desenvolvimento acadêmico.

O Gráfico 01 apresentou os relatos obtidos na entrevista final acerca da continuidade da tutoria por pares no curso de Licenciatura em Geografia, a partir da perspectiva dos tutores participantes. As respostas demonstraram, por meio da avaliação dos tutores, a relevância dessa prática pedagógica no processo de ensino e aprendizagem, evidenciando sua contribuição significativa para a formação acadêmica e profissional. Além disso, foi possível observar que a tutoria por pares se configura como uma estratégia que amplia as possibilidades de aprendizagem colaborativa, favorecendo a troca de conhecimentos entre os estudantes e o desenvolvimento de habilidades interpessoais.

As manifestações indicaram, de modo geral, uma percepção positiva em relação à manutenção da tutoria, a reconhecendo como uma estratégia que favorece a inclusão, o acompanhamento pedagógico e o fortalecimento das relações entre os estudantes. Ademais, os relatos reforçam que essa prática contribui para a construção de um ambiente acadêmico acolhedor e participativo, promovendo maior engajamento dos discentes e auxiliando na superação de dificuldades ao longo do processo formativo. Dessa forma, se evidencia que a continuidade da tutoria por pares pode potencializar tanto o desempenho acadêmico quanto o desenvolvimento social dos envolvidos.

Gráfico 01 – Entrevista final dos tutores(as)



Fonte: Tutores(as) (2025)

A Pergunta 01 buscou investigar se os respondentes recomendam a continuidade da tutoria como prática nas disciplinas específicas do curso de Geografia. Os resultados apresentados no Gráfico 01 indicam unanimidade nas respostas, uma vez que 100% dos tutores(as) manifestaram posicionamento favorável à manutenção da tutoria. O resultado exposto indica que a tutoria por pares pode ser uma ferramenta de auxílio positivo para se promover uma educação mais inclusiva a partir das relações sócio construtivas de aprendizagem colaborativa.

Esse dado evidenciou a percepção positiva dos participantes em relação à relevância da tutoria por pares no processo formativo, reforçando seu potencial como estratégia pedagógica no contexto do curso. Mas é importante destacar que apesar da tutoria por pares se apresentar como uma estratégia promissora de fomento de inclusão no contexto escolar e pleno desenvolvimento de habilidades e rendimentos acadêmicos entre tutores e tutorados.

A autora Cabral (2019, p. 140) nos alerta sobre:

[...] Defendemos que a prática e o discurso em favor da inclusão escolar não podem negar ou minimizar a existência das necessidades específicas de determinados alunos, mas tão pouco a escola pode se negar em usar estratégias e suportes/apoios que forem necessários para atender às suas demandas, pois um aluno com DI, independentemente do seu grau de necessidade, requer recursos pedagógicos que, em alguns momentos, devem ser diferenciados.

A garantia de direitos dos alunos deve ser ofertada de acordo com suas especificidades sendo o direito conquistado em lei. Conforme a LDB de 1996 cabe a escola propiciar nesses espaços de sala de aula e contexto escolar que diminua as

barreiras de exclusão dos alunos com deficiência, favorecendo o acesso e permanência nas instituições de ensino Brasil (1996).

O Quadro 06 apresenta os registros obtidos na entrevista final do questionário, referentes à participação dos alunos tutorados, público-alvo da educação especial, ao longo da experiência de tutoria. Esses relatos permitem compreender, a partir da percepção dos envolvidos, os efeitos da tutoria por pares na interação e no processo de aprendizagem desses estudantes.

Quadro 06 – Sentimento dos tutorados(as) acerca de como eles sentiram acolhido(a) e compreendido(a) durante a tutoria.

ENTREVISTA FINAL DOS TUTORADOS(A)	TUTORADOS(AS)
“Sim minha tutora mais próxima”	Aluna Surda
“Meu tutor me lembra das atividades, mas não temos tempo de estudar juntos pois ele trabalha o dia todo e ainda não sabe libras fluentemente”	Aluno Surdo
“logo no início sim”	Aluno com epilepsia
“Sim”	Aluna com deficiência física

Fonte: Entrevistas (2025)

A partir do quadro 06 foi possível notar por meio dos discursos dos estudantes tutorados a satisfação em relação aos seus tutores que os acompanhavam em sala de aula, foi percebido nas falas das tutoradas “*Sim minha tutora mais próxima*” (aluna surda), “*Sim*” (Aluna com deficiência física). Além disso, os depoimentos reforçam por meio da devolutiva positiva da relação entre tutor e tutorado e vai exatamente de encontro com o que Duran e Vidal (2007) afirmam que o processo de ensino e aprendizagem entre pares proporcionam a experiências das diferenças, e isso se transforma em algo positivo e agente facilitador da aprendizagem.

No entanto, os relatos dos participantes tutorados desvelam limites e potencialidades da tutoria por pares quando não há condições adequadas de tempo e formação específica. O relato do aluno surdo indica que, embora o tutor contribua ao lembrar das atividades, a ausência de tempo para estudo conjunto e o domínio insuficiente da Libras fragilizam a mediação pedagógica, o que compromete a efetividade do processo de aprendizagem.

A literatura aponta que, para que a tutoria por pares seja efetiva no contexto da educação inclusiva, é indispensável que os tutores recebam formação e apoio

adequados, de modo a possibilitar interações significativas e ajustadas às necessidades educacionais específicas dos tutorados (Marins; Lourenço, 2021).

É importante destacar que os estudantes que foram selecionados para atuarem como tutores foram selecionados a partir de critérios importantes para uma boa atuação como tutor, ter qualidades humanas, científicas e técnicas do saber fazer.

De acordo com Cabral (2019, p. 171) essas características dos selecionados são:

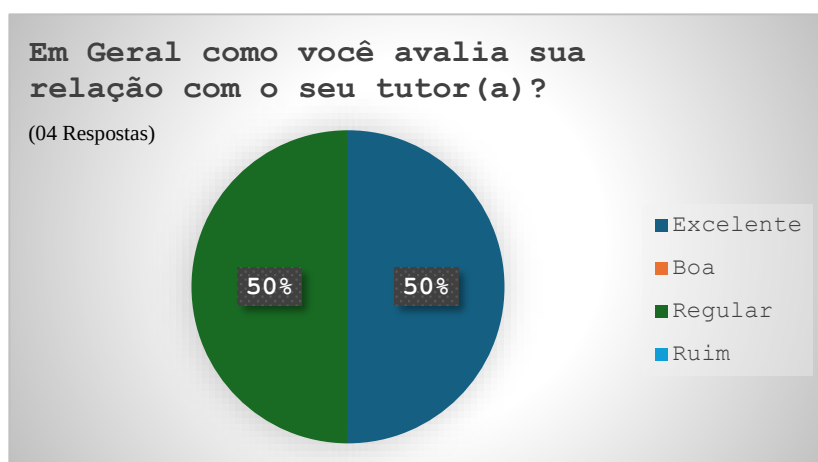
[...] Acolher e contribuir para que todas as potencialidades do tutorando sejam despertadas e estimuladas; colaborar para melhorar a autoestima do tutorado; incentivar seu desempenho social e acadêmico; Essência da missão do tutor e do processo de tutoria: desenvolvimento do tutorado; O comprometimento do tutor deve ser com o outro.

Ainda conforme o quadro 06, a citação de Cabral (2019) que, embora os tutores selecionados apresentem qualidades humanas, científicas e técnicas, outros critérios precisam ser considerados para a efetividade da tutoria. O relato do aluno surdo demonstra que, apesar do apoio nas atividades, a limitação de tempo devido ao trabalho do tutor influenciar no acompanhamento contínuo, fragilizando o processo de mediação do ensino e aprendizagem de ambos.

Assim, os dados reforçam que, para além dos saberes científicos e técnicos, aspectos como disponibilidade de tempo, comunicação acessível e continuidade da interação são fundamentais na seleção e atuação dos estudantes tutores.

Com base nesse contexto, foi perguntado aos alunos tutorados como avaliavam, de modo geral, a relação estabelecida com seus respectivos tutores(as).

Gráfico 02 – Entrevista final dos tutorados(as)



Fonte: Tutorados (as) (2025)

Os dados elencados no Gráfico 02 indicaram uma avaliação predominantemente satisfatória, com 50% dos participantes classificando a relação como excelente e 50% como regular. Esses resultados revelaram que, embora a tutoria por pares seja reconhecida como uma prática relevante no apoio ao processo de aprendizagem, sua efetividade está diretamente relacionada à qualidade da interação, à continuidade do acompanhamento e às condições objetivas que permeiam a atuação do tutor.

Os resultados positivos da relação entre tutor e tutorado ocorreram, sobretudo, em função da qualidade da orientação quanto às condições e às ações a serem desempenhadas pelo tutor. Topping (2000) destaca que o tutor deve ser bem orientado para exercer seu papel, caso contrário, alguns riscos podem ocorrer. A qualidade da aprendizagem do tutorado depende totalmente da qualidade da ajuda que o tutor oferecer. Bem como da clareza sobre o funcionamento da tutoria por pares.

Cabral, (2019, p. 67). Acrescenta que,

[...] Para que a díade tutor-tutorado possa funcionar, é necessário que o formato de interação seja estruturado. Os alunos devem dispor de um roteiro de interação que lhes permita, em qualquer momento, saber o que têm de fazer, em função do papel que desempenham. Essa interação extremamente planejada – mais ou menos estruturada – necessitará da formação prévia dos alunos, a qual adquirirá maior importância se optarmos por um contexto estruturado.

Vale reiterar que o bom funcionamento da ação tutorial, na perspectiva da educação especial inclusiva, apresentou resultados satisfatórios em razão do planejamento formativo ofertado aos tutores. Esse planejamento se materializou por meio do “Guia do Aluno Tutor”, conforme a figura 01. É um material pedagógico que reúne textos, orientações metodológicas e procedimentos que subsidiam as ações tutoriais e os métodos de ensino adotados ao longo do acompanhamento dos alunos público-alvo da educação especial.

Figura 01 – Capa da apostila do Guia pedagógico

GUIA
DO(A) ALUNO(A) TUTOR (A)

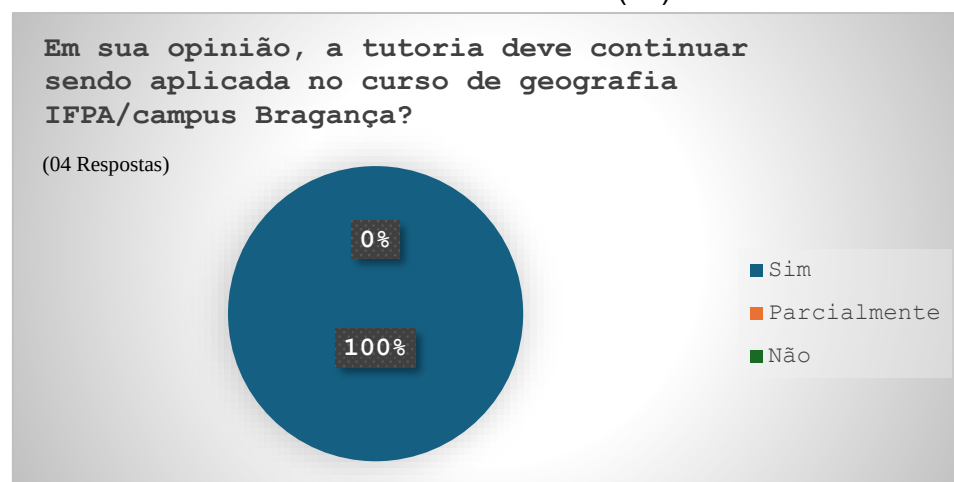


Fonte: Autores (2025)

O material foi elaborado a partir da dissertação de Marins (2019), intitulada Benefícios e desafios da tutoria por pares para aluno com deficiência intelectual, a qual fundamenta a importância da formação prévia dos tutores para uma atuação qualificada e sensível às diferenças. A partir desse referencial, foi produzida uma apostila disponibilizada aos tutores, contendo noções básicas de Libras, *links* e *QR Codes* de acesso a materiais sobre educação especial inclusiva, contribuindo para o fortalecimento da prática tutorial e para a efetivação de uma proposta educacional inclusiva (Marins, 2019).

Conforme apresentado no Gráfico 03, a última questão dirigida aos alunos tutorados buscou verificar, na percepção dos estudantes, a tutoria por pares deve ser mantida como prática pedagógica no curso de Geografia do IFPA/Campus Bragança. O objetivo foi compreender a avaliação dos participantes quanto à continuidade dessa ação no processo formativo.

Gráfico 03 – Entrevista final dos tutorados(as)



Fonte: Tutorados(as) (2025)

O Gráfico 02 ilustrou que 100% dos alunos tutorados manifestaram posicionamento favorável à continuidade da tutoria por pares no curso de Geografia do IFPA/Campus Bragança, não havendo registros de respostas negativas ou parciais. Esse resultado revela uma avaliação amplamente favorável da experiência vivenciada pelos estudantes, reforçando que a tutoria foi percebida como uma prática relevante para o apoio acadêmico, para o fortalecimento das relações interpessoais e para a promoção da inclusão no contexto formativo.

A unanimidade das respostas corrobora a literatura que aponta a tutoria por pares como uma estratégia pedagógica eficaz, especialmente quando voltada aos estudantes público-alvo da educação especial. Estudos indicaram que essa prática favorece o sentimento de pertencimento, o acolhimento e a participação ativa dos alunos, além de contribuir para o desenvolvimento acadêmico e social (Duran; Vidal, 2007).

Na perspectiva inclusiva, a tutoria por pares assume papel central ao possibilitar interações colaborativas que respeitam as diferenças e potencializam as aprendizagens, desde que acompanhadas de planejamento e formação adequada dos tutores (Marins; Lourenço, 2021). Assim, os dados apresentados no gráfico reforçaram a importância da continuidade dessa ação como política pedagógica no curso de Geografia, se alinhando aos pressupostos teóricos que defendem práticas educacionais inclusivas e colaborativas.

CONCLUSÃO

Os resultados desta pesquisa demonstram que a Tutoria por Pares, articulada à aprendizagem colaborativa na perspectiva da Educação Especial Inclusiva, se configurou como uma estratégia pedagógica importante no curso de Licenciatura em Geografia do IFPA/Campus Bragança. A avaliação das entrevistas iniciais, contínuas e finais, revelou que a experiência da tutoria não apenas contribuiu para o apoio acadêmico dos estudantes tutorados, mas também favoreceu o fortalecimento das relações interpessoais, o sentimento de pertencimento e a ampliação da participação em sala de aula.

Os dados demonstraram que 100% dos tutorados manifestaram posicionamento favorável à continuidade da prática no curso, o que reforça a relevância da estratégia no processo formativo. Além disso, a avaliação da relação entre tutor e tutorado, classificada como excelente ou regular, indicou que a qualidade da interação, a constância do acompanhamento e a clareza quanto aos papéis desempenhados foram fatores determinantes para o êxito da proposta. Assim, se confirmou que a tutoria por pares, quando estruturada, planejada e acompanhada, pode reduzir barreiras pedagógicas e atitudinais que ainda persistem no ensino superior.

Outro aspecto relevante que foi evidenciado nos resultados se refere ao impacto formativo da experiência para os próprios tutores. Ao assumirem o papel de mediadores do processo de aprendizagem, os estudantes desenvolveram senso de responsabilidade, empatia, compromisso coletivo e ampliação de seus saberes acerca da educação inclusiva. Dessa forma, a tutoria não beneficiou apenas os discentes público-alvo da educação especial, mas promoveu uma formação mais humana, crítica e colaborativa entre todos os envolvidos.

Os resultados também apontaram desafios importantes no que diz respeito à necessidade de maior formação específica para os tutores, como o domínio da Libras, estratégias de acessibilidade comunicacional e compreensão mais aprofundada das necessidades educacionais específicas. Além disso, questões relacionadas ao tempo disponível e à continuidade sistemática do acompanhamento indicam que a institucionalização da prática requer maior articulação pedagógica e envolvimento docente.

Diante disso, conclui-se que a tutoria por pares se apresenta como uma prática viável, estratégica e promissora para o fortalecimento da inclusão no ensino superior, especialmente no contexto da formação inicial de professores de Geografia.

Contudo, sua consolidação demanda planejamento contínuo, formação específica e maior inserção do professor como mediador do processo, constituindo uma tríade formativa entre tutor, tutorado e docente. Assim, a pesquisa não apenas reafirma a importância da aprendizagem colaborativa como caminho para a inclusão, mas também aponta para a necessidade de ampliação de estudos e experiências semelhantes na região Norte, contribuindo para o avanço das práticas inclusivas no ensino superior brasileiro.

REFERÊNCIAS:

Abreu, Eliézer **APRENDIZAGEM COLABORATIVA NO ESPAÇO ESCOLAR: O DIÁLOGO E O TRABALHO EM GRUPO**. UFPA 2019.

ARGUIS, R. et al. **Tutoria: com a palavra, o aluno**. Tradução Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002. 149 p.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 1991.

CABRAL DE MARINS, Kéren Hapure. **Benefícios e Desafios da Tutoria por Pares para aluno com Deficiência Intelectual**. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Carlos, 2019.

DURAN, D.; VIDAL, V. **Tutoria: Aprendizagem entre Iguais**. Tradução Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2007. 192 p.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2022: Pessoas com Deficiência e Pessoas Diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista – Resultados preliminares *da amostra*. Rio de Janeiro: IBGE, 2025. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 18 jul. 2025.

FERNANDES, W. L.; COSTA, C. S. L. Possibilidades da Tutoria de Pares para Estudantes com Deficiência Visual no Ensino Técnico e Superior. **Revista Brasileira de Educação Especial**. Marília, v. 21, n. 1, p. 39-56, jan./mar. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbee/v21n1/1413-6538-rbee-21-01-00039.pdf>. Acesso em 15 abr. 2018.

GATTI, A-A.; BLARY, A-H. **Tutorat et compétences de communication**. École supérieure du professorat et de l'éducation – Aix Marseille. Centre pour la Communication Scientifique Directe, 2018.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 220 p.

HOOT, B; WALKER, J; SAHNI, J. **Peer tutoring**. Council for Learning Disabilities. 2012. Disponível em: [https://council-for-learning-disabilities.org/wp-content/uploads/2013/11/Peer- Tutoring.pdf](https://council-for-learning-disabilities.org/wp-content/uploads/2013/11/Peer-Tutoring.pdf). Acesso em: 5 abr. 2024.

JANNUZZI, G. M. **A Educação do Deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI**. 3. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2012. 224 p.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. 310 p.

MANFIO, F. F. **A Inclusão de Pessoas com Deficiência na Educação: Uma Análise das Formações de Professores**. Revista Educação Especial, 34(1), 1-12. Recuperado de Revista Educação Especial. 2021

Marins, K.-H. C. de, & Lourenço, G. F. (2021). **Avaliação de um programa de tutoria por pares na perspectiva da educação inclusiva**. *Cadernos de Pesquisa*, 51, Artigo e07218. <https://doi.org/10.1590/198053147218>

MAZZOTTA, Marcos J. S. **Educação Especial no Brasil: história e políticas públicas**. 6. Ed. São Paulo: Cortez, [1996] 2011.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000.

MONTEIRO, V **Estudo do efeito-tutor em crianças do 4º ano de escolaridade em interação didática com colegas do 3º ano**. 1995. Dissertação (Mestrado)- Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa. 1995

ORLANDO, P. D. **O colega tutor de alunos com deficiência visual nas aulas de Educação Física**. 2010. 85f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/3052/2864.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 3 jun. 2018.

SOUZA, José Gilberto de; JULIASZ, Paula Cristiane Strina (Org.). **Geografia: ensino e formação de professores**. São Paulo: Editora Contexto, 2020.

TORRES, Rosa Maria; IRALDA, Nelsy Lizarazo. **Aprendizagem colaborativa**. In: PERRENOUD, Philippe et al. (Orgs.). *A pedagogia na escola das diferenças: fragmentos de uma experiência*. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 157-174.

TOPPING, K.J. The effectiveness of peer tutoring in further and higher education: A typology and review of the literature. **Higher Education** 32: p. 321-345, 1996. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/BF00138870>. Acesso em: 20 abr. 2018.